

INFLUÊNCIA DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS NA OCORRÊNCIA DE MASSACRES ESCOLARES: UMA ANÁLISE SOBRE FATORES DE RISCO

THE INFLUENCE OF SOCIOEMOTIONAL SKILLS ON SCHOOL MASSACRES: AN ANALYSIS OF RISK FACTORS

LA INFLUENCIA DE LAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONALES EN LAS MASACRES ESCOLARES: UN ANÁLISIS DE FACTORES DE RIESGO

Nicolli Karen Coelho Koritar¹

Gisele Asseis Tressoldi²

Rita de Cássia do Amaral³

RESUMO: Vive-se uma era de decadência emocional, especialmente nas escolas, que buscam restabelecer o equilíbrio socioemocional dos estudantes, diante do aumento de massacres escolares no Brasil. Para mitigar essas ameaças, é crucial identificar fatores de risco, como *bullying*, relações interpessoais deficitárias e habilidades socioemocionais insuficientes. Enquanto o aspecto interpessoal refere-se à interação social, o socioemocional diz respeito ao gerenciamento das emoções decorrentes dessas relações. Este estudo, de natureza exploratória e análise qualitativa documental, examina reportagens brasileiras e revela correlações entre déficits socioemocionais e a ocorrência de massacres escolares. No contexto dos massacres escolares, essa relação torna-se crítica: 23,7% dos casos terminam em suicídio, e em quase 60% das ocorrências, a conclusão é indeterminada, pois foram interrompidas por terceiros. Esses dados sugerem uma ligação entre a incapacidade de lidar com emoções complexas e a percepção distorcida das consequências de seus atos. O homicida-suicida, por exemplo, encerra sua desorganização emocional através da morte após a vingança. Observa-se que déficits socioemocionais são fatores de risco relevantes, pois o agressor não só falha em processar sentimentos de rejeição, mas também em encontrar alternativas para além da agressão em suas frustrações.

625

Palavras-chave: Massacres Escolares. Habilidades Socioemocionais. Fatores de Risco.

ABSTRACT: We are living in an era of emotional decline, particularly in schools, which seek to restore students' socio-emotional balance in the face of increasing school shootings in Brazil. To mitigate these threats, it is crucial to identify risk factors such as bullying, deficient interpersonal relationships, and insufficient socio-emotional skills. While the interpersonal aspect refers to social interaction, the socio-emotional dimension concerns the management of emotions arising from these relationships. This study, of an exploratory nature with qualitative documentary analysis, examines brazilians news reports and reveals correlations between socio-emotional deficits and the occurrence of school shootings. In thid context, this relationship becomes critical: 23.7% of cases end in suicide, and in nearly 60% of occurrences, the outcome is indeterminate, as they were interrupted by third parties. These findings suggest a link between the inability to cope with complex emotions and a distorted perception of the consequences of one's actions. For example, the homicide-suicide perpetrator ends their emotional turmoil through death after seeking revenge. It is observed that socio-emotional deficits are significant risk factors, as the aggressor not only fails to process feelings of rejection but also struggles to find alternatives beyond aggression in their frustrations.

Keywords: School Shootings. Socio-emotional Skills. Risk Factors.

¹Psicóloga, Centro Universitário das Américas - FAM.

²Psicóloga, Centro Universitário das Américas - FAM.

³Psicóloga, Mestre em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina da USP, Professora e Orientadora, Centro Universitário das Américas - FAM.

RESUMEN: Vivimos una era de decadencia emocional, especialmente en las escuelas, que buscan restablecer el equilibrio socioemocional de los estudiantes ante el aumento de masacres escolares en Brasil. Para mitigar estas amenazas, es crucial identificar factores de riesgo como el bullying, las relaciones interpersonales deficientes y las habilidades socioemocionales insuficientes. Mientras el aspecto interpersonal se refiere a la interacción social, lo socioemocional concierne al manejo de las emociones derivadas de estas relaciones. Este estudio, de naturaleza exploratoria con análisis cualitativo documental, examina reportajes brasileños y revela correlaciones entre déficits socioemocionales y la ocurrencia de masacres escolares. En el contexto de las masacres escolares, esta relación se vuelve crítica: el 23,7% de los casos terminan en suicidio, y en casi el 60% de los incidentes el desenlace es indeterminado, pues fueron interrumpidos por terceros. Estos datos sugieren un vínculo entre la incapacidad para manejar emociones complejas y la percepción distorsionada de las consecuencias de sus actos. El homicida-suicida, por ejemplo, termina su desorganización emocional mediante la muerte después de la venganza. Se observa que los déficits socioemocionales son factores de riesgo relevantes, pues el agresor no solo falla en procesar sentimientos de rechazo, sino también en encontrar alternativas más allá de la agresión ante sus frustraciones.

Palabras clave: Masacres escolares. Habilidades socioemocionales. Factores de riesgo.

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, há uma crescente demanda para que os indivíduos acompanhem o ritmo acelerado das informações, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades emocionais e sociais para lidar com os desafios das relações interpessoais. No entanto, muitas vezes essas habilidades não são adequadamente cultivadas para enfrentar e compreender os conflitos que surgem nessas interações sociais, resultando em um desgaste emocional generalizado (Cury A, 2019).

Assim, coletivamente vive-se uma era de esgotamento mental e decadência emocional, na qual o medo, as mudanças e as incertezas traduzidas pela pandemia têm desafiado emocionalmente a todos (Cury A, 2019), o que pode-se dizer que isto tornou-se ainda mais palpável no contexto educacional contemporâneo, com a iminente ameaça de massacres escolares.

Cientificamente, define-se massacre como um fenômeno, o qual trata-se de um tipo específico de assassinato em que um ou mais homicida(s) causa(m) múltiplas tentativas de homicídio e mortes em um curto período de tempo e em um único local, ou seja, sem período de resfriamento (Vasconcelos SJL, et al., 2021). O número de vítimas é conceituado por cada autor. Entretanto, para ser classificado como um assassinato em massa, geralmente o massacre envolve a morte de pelo menos três pessoas, embora algumas definições possam exigir cinco ou mais vítimas fatais e/ou feridos.

Assassinato em massa também pode ser denominado como massacre, chacina e/ou atentado e, apesar de sua ampla variação nominal e modos de classificação, todos são considerados homicídios organizados, planejados e motivados, comumente associados a sentimentos de alienação social, vingança e isolamento (Simpson, 2020), que justifica sua frequente ocorrência em âmbito escolar, onde fatores como *bullying* e *cyberbullying* são amplamente propagados, os quais podem contribuir para a realização de um massacre.

Os massacres escolares são frequentemente idealizados e perpetrados por alunos e/ou ex-alunos dessas instituições. Embora esses incidentes sejam mais comumente associados aos Estados Unidos da América, país onde o número de ocorrências de massacres é alarmante, o Brasil também tem visto um aumento preocupante de ataques em escolas desde 2022, refletido nos meios de comunicação e nas redes sociais que os tornam amplamente coberto (Koritar NKC, 2024).

Justifica-se a relevância deste artigo no seu possível potencial para compreender e abordar uma questão crítica e crescente: os massacres escolares. Diante do alarmante aumento de 800% de tais eventos no Brasil (Koritar NKC, 2024), é imperativo investigar os fatores de risco subjacentes desses fenômenos que inevitavelmente perpassam pelos autores, ou seja, pelos homicidas. Isto é, compreender um novo fator de risco pode levar a estratégias preventivas de massacres escolares robustas e um suporte eficaz para alunos em risco, promovendo potenciais e equilibrados ambientes escolares.

MÉTODOS

Tratou-se de uma pesquisa exploratória com procedimento de análise documental, a qual compreende-se como “uma metodologia de investigação científica que utilizou procedimentos técnicos e científicos específicos para examinar e compreender o teor de documentos de diversos tipos, e deles, obter as mais significativas informações” (Junior, et al., 2021, p. 38). Objetivou-se analisar se a dificuldade nas habilidades socioemocionais em estudantes do ensino regular pode ser considerada um fator de risco a massacres escolares.

A partir disso, foi examinado qualitativamente relatórios decorrentes de reportagens brasileiras sobre massacres escolares, considerando se as habilidades socioemocionais foram abordadas no contexto de comportamentos violentos.

Portanto, a metodologia deste estudo estruturou-se na análise qualitativa de reportagens de massacres escolares, considerando também levantamento bibliográfico, como periódicos,

banco de teses, artigos e livros. Para tanto, foram utilizadas tanto as palavras-chave “massacres escolares”, “habilidades socioemocionais” e “fatores de risco”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Art. 205 da Constituição da República Federativa do Brasil (1988, s. p.) estabelece que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, **visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho** (grifo nosso)”.

No entanto, cabe dizer que essa idealização não condiz com a realidade nas escolas, onde muitos estudantes enfrentam situações de violência e exclusão, comprometendo seu desenvolvimento pessoal e social e contradizendo os princípios de uma educação respeitosa e humana. Os conflitos escolares são a não solução para combater as múltiplas formas de violências, pois compromete a função social da escola estabelecida na Constituição Federal.

O PERFIL DAS ESCOLAS E DOS ALUNOS

De acordo com o Atlas de Violência (IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada -, 2023), o número de estudantes brasileiros, no período entre 2009 e 2019, que sofreram *bullying* na escola é de 40,5%. Já a prática de *cyberbullying* atingiu 13% dos alunos do Ensino Médio e 12,6% do Ensino Fundamental em 2019.

Em muitas escolas os desempenhos ficam abaixo das expectativas institucionais, segundo indicadores padronizados: os alunos têm fracos desempenhos e sua preparação é limitada. Portanto, pobreza e privação desenham os contextos do sucesso e insucesso escolar, agravados por tensões sociais e psicológicas de diferentes matizes. Comportamentos violentos nessas situações não são incomuns. **Em sociedades desiguais como a brasileira, a escola não apenas reproduz desigualdades como as reflete nas suas dinâmicas internas** (grifo nosso). Violências decorrentes de vulnerabilidades sociais não podem ser resolvidas apenas com processos de disciplinarização e controle policial das escolas, mas dependem de objetivos políticos mais amplos, sustentados ao longo do tempo e capazes de distinguir as formas da violência, as instâncias e as estratégias adequadas para lidar com cada uma delas. (IPEA, 2023, p. 36)

Outra evidência de fragilidade psicológica que afeta crianças e adolescentes é a alta porcentagem que relatou sentir-se triste ou perceber que ninguém se importava com elas nos trinta dias que antecederam a pesquisa, na qual resultou que 62,9% das crianças do Ensino Fundamental e 74% dos alunos do Ensino Médio manifestaram esses sentimentos. Ainda, é importante ressaltar que estudos anteriores à pandemia já indicavam desafios na saúde mental de crianças e adolescentes, porém o contexto de isolamento social e a suspensão das aulas agravaram esse cenário.

A interrupção das atividades escolares e de socialização, somada ao clima de incerteza, medo e luto, contribuiu para o aumento de transtornos como ansiedade e depressão nessa faixa etária. Entre as manifestações mais observadas, destacaram-se sintomas físicos ligados ao estresse, alterações de humor e comportamentos regressivos, especialmente em crianças menores. Além disso, o confinamento prolongado intensificou conflitos familiares, dificultou o acesso a redes de apoio e elevou os índices de violência doméstica e virtual, fatores que, combinados, impactaram profundamente o equilíbrio emocional desse grupo (Sanchez Boris IM, 2021; Bianchini LV, et al., 2023).

Contextualiza-se que escolas brasileiras, frequentemente marcadas por um contexto de desigualdade social, enfrentam desafios significativos relacionados à violência e à qualidade do ensino, especialmente após o isolamento social. Muitas instituições lidam com infraestrutura precária, falta de recursos e um ambiente escolar que não promove adequadamente o bem-estar dos alunos.

Assim, pode-se dizer que a cultura de disciplina muitas vezes é substituída por medidas de controle que não atacam as causas profundas da violência, refletindo tensões sociais e limitações estruturais, conforme estatísticas acima. Assim, essas escolas se tornam locais onde as desigualdades são não apenas reproduzidas, mas também intensificadas, dificultando o desenvolvimento integral dos estudantes.

O problema da violência na escola pode ser interpretado à luz das múltiplas violências associadas. Essa violência é realizada, em geral, por jovens e, ao mesmo tempo, vitimiza jovens vulnerabilizados por condições econômicas e de classe e por situações familiares de desproteção social. A violência, nessas situações, se desdobra potencialmente, e não de forma automática, por um lado, em agressão física e material, quando, além do sofrimento psicológico, causa ferimentos corporais, tendo como limites extremos o homicídio e o suicídio; por outro lado, tem-se violência simbólica, como *bullying*, insultos, agressões verbais e físicas de menor gravidade. Ambas as formas de violência atravessam a escola de ponta a ponta. O *bullying* é expressão de preconceito, intolerância e discriminação por modos específicos de ser (etnia, raça, gênero, classe, estilos de comportamento, maneiras e forma do corpo, posição política e ideológica etc.), retrata-se na forma de agressão moral, psicológica e física e aparece em formas verbais (xingamento, insultos, chacotas, difamação etc.) ou físicas (agressões, ameaças ou intimidação). (IPEA, 2023, p. 36)

Os alunos, por sua vez, frequentemente enfrentam condições adversas que afetam seu desempenho escolar e sua saúde emocional, como *bullying* e *cyberbullying*, além de sentimentos de tristeza e negligência. Analisa-se que esses jovens carregam o peso de expectativas institucionais não atendidas e frequentemente se sentem inseguros em seus ambientes escolares. Isto é, a pressão para ter sucesso acadêmico, somada a fatores sociais e familiares desfavoráveis, contribui para um panorama de fragilidade emocional e comportamentos

violentos, tornando-os tanto vítimas quanto perpetradores em um ciclo vicioso, propagando vários tipos de violência, como os massacres escolares.

IMPACTOS DA VIOLÊNCIA CONTRA A INFÂNCIA E JUVENTUDE

As experiências adversas na infância, as quais incluem eventos traumáticos vividos antes dos 18 anos, têm um impacto significativo na saúde e no desenvolvimento de crianças e adolescentes, sendo que no Brasil pelo menos uma experiência adversa é observada entre o público infantojuvenil (Andrade CR, et al., 2022). É possível citar que dentre as situações traumáticas, tem-se o *bullying* e a violência na comunidade, especialmente nas escolas.

Essas experiências estão ligadas a consequências graves, como estresse tóxico e a problemas de saúde mental, afetando o desenvolvimento saudável desde a infância até a vida adulta, isso quando não têm a mortalidade como consequência. A gravidade das experiências vividas pode, por sua vez, influenciar a incidência de depressão e intenções suicidas em adolescentes e adultos que passaram por essas adversidades (Jural LA, et al., 2024).

A violência escolar, em suas diversas manifestações, cria um ambiente propício para o desenvolvimento de comportamentos violentos mais graves, como os massacres escolares. Conforme o relatório do Ministério da Educação (Brasil, 2023), a exposição prolongada a um contexto escolar violento leva os estudantes a internalizarem modelos violentos de resolução de conflitos, ou seja, a aprender que a agressão é uma forma eficaz de lidar com as frustrações e os desafios do dia a dia. Essa aprendizagem social pode ter consequências duradouras para a saúde mental e social dos estudantes, aumentando o risco de que se envolvam em atos de violência.

Em 2021, 49 dos 100 jovens entre 15 e 29 anos que morreram no Brasil foram vítimas de violência letal (IPEA, 2023). No total, foram registrados 24.217 homicídios de jovens nessa faixa etária, o que representa uma média alarmante de 66 jovens assassinados por dia (IPEA, 2023).

Assim sendo, é importante mencionar que os impactos da violência contra a infância e a juventude são amplos, gerando não apenas problemas emocionais, mas também promovendo hábitos não saudáveis e exacerbando outros problemas de saúde, quando não fatalidades, seja a quem oprimiu ou a quem foi oprimido. Quando uma geração tem seu futuro comprometido dessa forma, toda a sociedade sofre as consequências a longo prazo, perdendo não apenas vidas individuais, mas também todo o potencial de transformação que esses jovens poderiam representar (IPEA, 2023).

HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

É importante destacar e contextualizar a diferença entre relações interpessoais e habilidades socioemocionais. Del Prette A e Del Prette ZAP (2024a) explica o relacionamento interpessoal como a competência de formar e manter relações sociais de maneira satisfatória em diversos contextos, sendo que ela está inserida dentro das Habilidades Sociais. Já segundo Pena AC, et al. (2024) compreende habilidades socioemocionais como um constructo multidimensional que engloba processos emocionais, cognitivos e relacionais.

Destaca-se que as habilidades socioemocionais não são traços fixos, mas sim capacidades dinâmicas que podem ser desenvolvidas e aprimoradas tanto em ambientes educacionais formais quanto nas experiências cotidianas (Pena AC, et al., 2024). Esse conceito pressupõe que cada pessoa desenvolve, ao longo de sua vida, um repertório variado de comportamentos sociais que podem ser mobilizados conforme as demandas específicas de cada contexto interpessoal. Na prática, isso significa que indivíduos socialmente habilidosos são capazes de identificar as particularidades de cada situação social e selecionar, dentro de seu conjunto de possibilidades, a resposta mais apropriada para lidar com ela de maneira satisfatória (Del Prette ZAP e Del Prette A, 2024b).

631

Compreende-se que habilidades socioemocionais e relações interpessoais tratam-se de termos distintos, mas comórbidos entre si. Ou melhor dizendo, enquanto um trata-se da forma como as pessoas se relacionam, interagem e se conectam umas com as outras, o outro trata-se do desempenho deste ser para lidar com essa relação, interação e conexão.

Destaca-se que o desempenho das habilidades socioemocionais é aprendido, o que o torna adaptativo e de caráter social (Del Prette A e Del Prette ZAP, 2024a), o que implica que este é julgado pelo meio ao qual o ser exercente das habilidades está inserido. Isto é, existem comportamentos coerentes e incoerentes - aceitos ou não - perante os julgamentos da sociedade, tendo esses aprendidos pela observação, imitação, repetição, punição e recompensa.

Na aprendizagem do que se é coerente (aceito) ou não explica como padrões de comportamento inautênticos podem se perpetuar, mesmo contra o bem-estar psicológico do indivíduo. Ela revela a importância dos contextos sociais de aprendizagem - quando ambientes (familiares, escolares ou profissionais) punem a autenticidade e recompensam a dissimulação,

estão efetivamente ensinando e reforçando a incoerência como estratégia de sobrevivência social (Del Prette A e Del Prette ZAP, 2024a).

Elucida-se que pessoas com maior coerência social tendem a desenvolver relações interpessoais e profissionais mais satisfatórias, produtivas e duradouras. Além disso, essas pessoas costumam apresentar melhor saúde física e mental, bem como um funcionamento psicológico equilibrado. Em contrapartida, a fragilidade nessas habilidades geralmente está associada a dificuldades nos relacionamentos, maior incidência de conflitos, pior qualidade de vida e uma predisposição a diversos transtornos psicológicos (Del Prette ZAP e Del Prette A, 2024b).

Dessa forma, pode-se dizer que o desenvolvimento de habilidades sociais mostra-se essencial para o bem-estar e o sucesso de uma pessoa, uma vez essas habilidades que constituem a coerência relacional nos contextos integrados ao seu ambiente, como família, escola, sociedade e cultura. Existem preocupações para com as fragilidades em habilidades socioemocionais, uma vez que existem “evidências de correlação entre esses déficits e uma variedade de problemas psicológicos como a delinquência juvenil, o desajustamento escolar, o suicídio e os problemas conjugais” (Del Prette ZAP e Del Prette A, 2024b, s.p.).

Assim, compreende-se o porquê da competência social não ser analisada isoladamente, pois depende de dimensões interligadas: características pessoais, aspectos situacionais e fatores culturais. Ou melhor, uma interação coerente e habilidosa depende desse tripé, o qual busca equilibrar benefícios mútuos para todos os envolvidos. No entanto, existem falsas habilidades, que são meios agressivos ou coercitivos, esses geralmente prejudicam as relações, a autoestima e o equilíbrio social no médio e longo prazo (Del Prette ZAP e Del Prette A, 2024b).

Aborda-se a complexidade e a importância das interações sociais, destacando que elas não ocorrem de forma isolada, mas dentro de contextos culturais e situacionais específicos. Dessa forma, o uso eficaz das habilidades socioemocionais requer uma leitura atenta do contexto, o que implica a adaptação do comportamento às expectativas sociais e à situação particular.

PERFIL DOS HOMICIDAS/ATENTADORES DE MASSACRES ESCOLARES

Welter LS, et al. (2022, p. 4) diz que “em relação ao gênero dos assassinos em massa, ressalta-se que a grande maioria é cometida por homens”. Com relação à psicopatologia junto às suas tendências comportamentais, Vasconcelos SJL, et al. (2021) destaca que as

manifestações comportamentais desses indivíduos não podem ser reduzidas a simples diagnósticos clínicos. Os padrões observados sugerem uma complexa interação entre fatores psicológicos individuais, processos de socialização de gênero e dinâmicas socioculturais mais amplas que, em conjunto, podem ajudar a compreender - embora nunca justificar - tais manifestações extremas de violência. Essa perspectiva multidimensional ressalta a necessidade de abordagens interdisciplinares que considerem tanto aspectos clínicos quanto sociais na análise desses fenômenos.

Isto é, abarca-se que os assassinos em massa não constituem-se ou finalizam-se da mesma forma, apesar da grande similaridade entre as ocorrências, o que vai além de classificá-los por uma patologia, apesar de terem traços sintomáticos como ser homicida-suicida.

Conceituados, homicida-suicida refere-se a um indivíduo que comete um ato de homicídio seguido de suicídio (Waiselfisz, 2014 apud Vasconcelos SJL, et al., 2021), ou melhor, é um comportamento que envolve a morte de uma ou mais pessoas, após a(s) qual(is) o perpetrador tira a própria vida.

Destaca-se que, em casos de assassinato em massa, o suicídio dos perpetradores pode não estar necessariamente atrelado ao planejamento do massacre em si. Muitas vezes, esses indivíduos se sentem perseguidos ou encurralados após a ocorrência, especialmente em situações de cerco policial. Essa sensação de falta de opções e a percepção de estarem sem saída podem levar à decisão de tirar a própria vida. (Vasconcelos SJL, et al., 2021).

O suicídio é um fenômeno transcultural e multifatorial definido como o ato de autolesão, caracterizado como uma ação intencional de causar a própria morte (Da Silva LM, et al., 2022), assim como o massacre também é um fenômeno biopsicossocial (Vasconcelos SJL, et al., 2021). Dados apontam que “morrem, anualmente, cerca de 800.000 pessoas, com uma taxa média estimada de nove para cada 100.000 habitantes no ano de 2019” (Da Silva LM, et al., 2022, p. 3).

Ainda, o suicídio pode ser descrito como autodestrutivo, que englobará três categorias: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado. Explica-se como as ideias e desejos associados à ideação suicida, comportamentos suicidas sem resultado fatal e os suicídios resultantes em morte (Klonsky, et al., 2016 apud Da Silva LM, et al., 2022). Ainda, “na população adolescente e nos adultos jovens, por exemplo, na faixa de 15 a 29 anos, é uma das principais causas de morte, figurando em segundo lugar, depois de outros tipos de morte violenta” (p. 3).

O suicídio é frequentemente visto como sinônimo de sofrimento e angústia, geralmente associado a distúrbios psíquicos (Da Silva LM, et al., 2022). No entanto, não se pode atribuir a morte voluntária uma única causa, pois há uma variedade de fatores a serem considerados. O suicídio pode ser entendido como um fenômeno multidimensional, envolvendo aspectos sociais, ambientais, religiosos, biológicos, culturais, psicológicos e políticos.

Vale-se dizer que no contexto dos massacres escolares, em vez de uma estratégia premeditada, o ato suicida pode ser uma resposta desesperada às consequências de suas ações, refletindo um estado emocional intenso e a crença de que não há mais como escapar e, conseqüentemente, lidar com a situação criada.

FATORES DE RISCO PARA MASSACRES ESCOLARES

Segundo Welter LS, et al. (2022), *bullying*, falta de apoio social e alienação limitantes de interações sociais são fatores de risco associados a massacres escolares. Ainda, a violência psicológica também pode ser vista como um dos fatores de risco à massacres escolares, já que esse define-se como “agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a pessoa, restringir-lhe a liberdade ou, ainda, isolá-la do convívio social” (Njaine K, et al., 2020, p. 39).

A alienação limitante de interações sociais retrata-se especialmente pelo isolamento social, principal área de estudo como método de prevenção e intervenção de massacres escolares. No entanto, segundo Welter LS, et al. (2022), o relacionamento interpessoal dos autores era satisfatório, considerando o uso das mídias sociais para acesso às armas e para o planejamento.

[...] quando não há programas de acolhimento para jovens com problemas, muitos acabam sendo amparados pelos grupos extremistas e se voltam contra a escola e para a escola porque há uma incitação e sentimento de vingança onde ele se sentiu humilhado e excluído. A pesquisa aponta duas características principais semelhantes entre muitos agressores: o sofrimento na escola, como ciúmes, ter sido castigado, ser alvo de *bullying* e o uso da subcultura extremista na internet (nos últimos anos), com articulação em comunidades, “chans”, fóruns on-line de incentivo à violência e misoginia, *Deep Web* (há poucos anos) e atualmente nas redes sociais como *Instagram*, *Tiktok*, *Whatsapp*, *Telegram*, *Twitter* e *Discord*, com conversas imersas em discursos de ódio, homofobia, discriminação racial, social, religiosa e de gênero. (Garcia e Vinha, 2023 *apud* Langeani, 2023, p. 12)

É importante citar como fator de risco a intolerância e a infração de direitos humanos (Vasconcelos SJL, et al., 2021), ou melhor dizendo, considerar as diversas formas de violência e suas propagações, como questões políticas, raciais, homofóbicas, misóginas, xenofóbicas e similares. Nesse contexto, sentimentos típicos da adolescência, como frustração sexual e crise

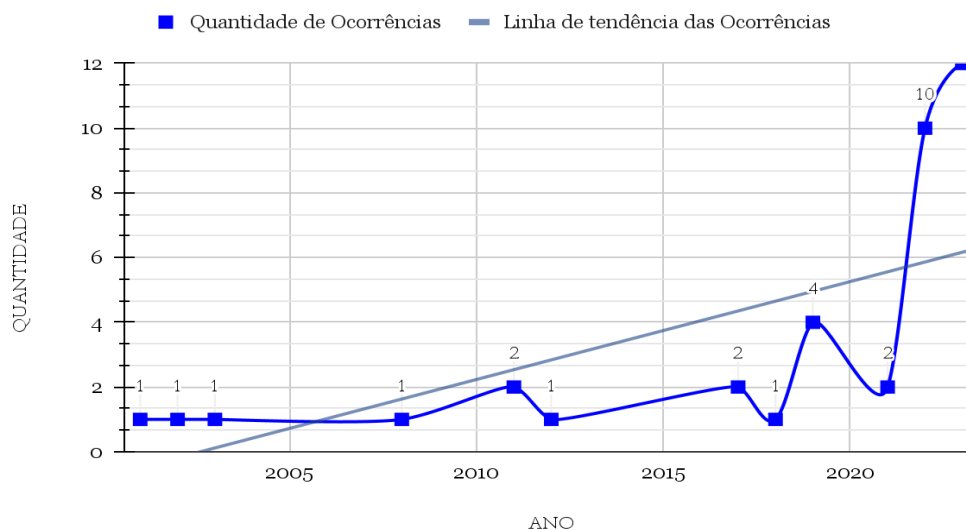
existencial, são habilmente manipulados em fóruns digitais que transformam vulnerabilidades emocionais em ódio dirigido (Cara D, et al., 2022). Isto é, os espaços virtuais não apenas validam tais sentimentos, mas os convertem em narrativas violentas.

A partir disso, é essencial compreender como os indivíduos desenvolvem uma estrutura de valores pessoais que legitima e culmina na expressão máxima de agressividade, especialmente quando se aborda uma masculinidade normativa que é hegemônica no desenvolvimento pessoal de adolescentes (Vasconcelos SJL, et al., 2021). Em outros termos, observa-se que “[...] a opção por invadir uma escola não é mera coincidência ou fruto de uma escolha aleatória. As motivações incluem ódio às majorias minorizadas e aproximação ideológica a teorias nazistas e fascistas” (Cara D, et al., 2022, p. 17).

AS OCORRÊNCIAS DE MASSACRES ESCOLARES NO BRASIL (2001-2023)

O Instituto Sou da Paz fez um levantamento dos Massacres Escolares⁴ que compreende 24 ocorrências (Langeani B, 2023), já o levantamento do D³e⁵ envolvem 36 ocorrências (Vinha T, et al., 2023), que ignorando as duplicidades de dados totalizam 38 ocorrências no Brasil no período de 2001 a 2023.

Gráfico 1 - Número de ocorrências de massacres escolares no Brasil por ano.



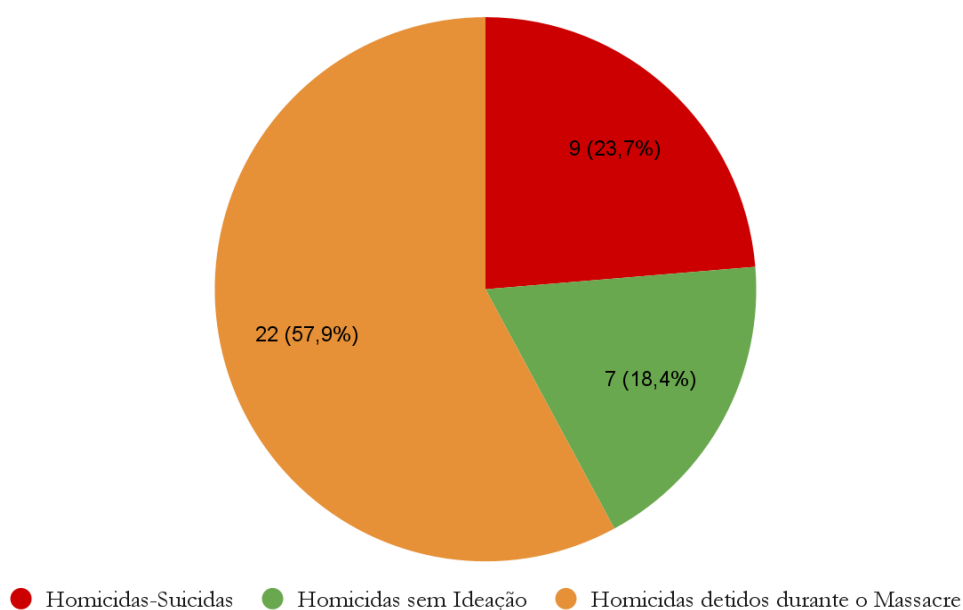
Fonte: KORITAR NKC, TRESSOLDI GA, AMARAL RC, 2025; dados extraídos de Langeani B (2023) e Vinha T, et al. (2023).

⁴A definição científica desse fenômeno, exposta previamente, não é fielmente seguida pelas divulgações midiáticas, isto é, podem classificar como massacre aquilo que a ciência não considera devido ao número de vítimas, então será considerado massacre escolar neste artigo o que foi considerado pelo levantamento dos relatórios.

⁵ Dados para um Debate Democrático na Educação

O gráfico 1 apresentado ilustra a quantidade de massacres escolares no Brasil ao longo dos anos, abrangendo 2001 até 2023, evidenciando um aumento alarmante nas ocorrências, especialmente após a pandemia de COVID-19. De 2001 a 2019, as ocorrências eram esporádicas, com um pico de quatro ocorrências em 2019. No entanto, a partir de 2022, com a volta às aulas após o isolamento social da COVID-19 e suas consequências emocionais, a situação se deteriorou drasticamente, registrando 10 casos, seguido por 12 em 2023.

Gráfico 2 - Comparativo dos homicidas/autores de massacres escolares do Brasil e o suicídio.



Fonte: KORITAR NKC, TRESSOLDI GA, AMARAL RC, 2025; dados extraídos de Langeani B (2023) e Vinha T, et al. (2023).

Os dados sobre massacres escolares no Brasil revelam diferentes perfis dos perpetradores. Entre eles, 7 homicidas atuaram sem ideação suicida e 9 foram classificados como "homicidas-suicidas", indicando que esses indivíduos não apenas cometeram os ataques, mas também tentaram ou tiraram suas próprias vidas após o massacre. Embora 22 homicidas tenham sido detidos durante os massacres, esse dado reflete uma neutralidade nos perfis, uma vez que não é possível determinar se alguns deles poderiam ter se suicidado se não fossem interceptados.

HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS COMO FATOR DE RISCO

Conforme exposto acima, analisando as semelhanças relacionais e comportamentais das prévias ocorrências de massacres escolares brasileiros, convida-se a averiguar uma

ambivalência como problemática deste artigo, sendo ela definida pelas seguintes questões: como se tem uma relação interpessoal suficiente sendo que este ser encontra-se socialmente isolado? Pode-se considerar que as suas habilidades socioemocionais também são suficientes? Outrossim, com esse dado, retornando às habilidades socioemocionais, se estas são suficientes teria a maior parte das ocorrências brasileiras ter como desfecho o suicídio?

A relação entre déficits em habilidades socioemocionais e comportamentos violentos, como massacres escolares, torna-se ainda mais crítica quando observamos que 23,7% dos massacres escolares no Brasil terminam em suicídio e quase 60% das ocorrências não é possível concluir como terminaria uma vez que foram detidas por terceiros, conforme exposto no gráfico 2.

Esta estatística pode indicar uma conexão profunda entre a incapacidade de lidar com emoções complexas e a forma como os agressores percebem as consequências de suas ações. Quando autores de massacres não conseguem gerenciar adequadamente suas emoções, a frustração, o sentimento de rejeição e o isolamento social podem evoluir para atos de violência extrema. A falta de habilidades socioemocionais, como o controle emocional, a capacidade de resolver conflitos e o desenvolvimento de empatia, contribui para a escalada desses comportamentos violentos (Del Prette ZAP e Del Prette A, 2024b).

637

Além disso, a literatura sobre habilidades socioemocionais destaca que indivíduos com déficits nessas áreas tendem a desenvolver relações interpessoais mais conflituosas, além de apresentar maior vulnerabilidade a problemas psicológicos, como ansiedade, depressão e transtornos de conduta (Del Prette ZAP e Del Prette A, 2024b). No contexto dos massacres escolares, esses déficits podem ser vistos como fatores de risco importantes, uma vez que o agressor não apenas busca uma forma de lidar com seus sentimentos de inadequação e rejeição, mas também falha em encontrar alternativas construtivas para canalizar suas frustrações e sentimentos. Isso leva à ideia de que, na maioria dos casos, o suicídio pós-massacre pode ser uma forma extrema de lidar com a possível culpa ou o desespero após o ato violento, evidenciando uma parcial ou total incapacidade de enfrentar as consequências de suas ações.

O suicídio, nesses casos de massacres escolares, pode ser entendido como a culminação de uma série de falhas na regulação emocional, que também refletem déficits na capacidade de resolver problemas interpessoais e de lidar com frustrações de forma construtiva. Quando esses agressores se encontram diante das consequências de seus atos, a falta de preparo emocional para lidar com o impacto de suas ações os leva a tomar decisões extremas, como o suicídio.

Nesse sentido, vale-se dizer que a prevenção das ocorrências de massacres escolares também está profundamente ligada ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, já que essas poderiam ajudar os atentadores a lidarem com seus sentimentos de forma socialmente coerente e saudável, evitando que eles recorram à violência como forma de expressar sua dor.

A primeira questão, "como se tem uma relação interpessoal suficiente sendo que este ser encontra-se socialmente isolado?", desafia a noção de que a mera existência de interações sociais possa ser interpretada como um sinal de competência interpessoal. Indivíduos que cometem massacres muitas vezes demonstram um padrão de isolamento social profundo, sugerindo que suas relações interpessoais, quando existem, são frágeis ou disfuncionais. O isolamento social pode ser tanto uma causa quanto um sintoma de déficits em habilidades socioemocionais, já que essas habilidades são essenciais para a criação e manutenção de conexões significativas. A ausência de interações sociais saudáveis não apenas exacerba o isolamento, mas também impede o desenvolvimento de habilidades como empatia, comunicação eficaz e resolução de conflitos (Del Prette A e Del Prette ZAP, 2024a).

Quanto à segunda questão, "pode-se considerar que suas habilidades socioemocionais também são suficientes?", a resposta é negativa. Se o isolamento social está presente, isso sugere uma falha no desenvolvimento das habilidades socioemocionais. Habilidades como regulação emocional, controle do comportamento e a capacidade de estabelecer e manter relações saudáveis são fundamentais para a competência social (Pena AC, et al., 2024). A ausência dessas competências cria um ciclo de isolamento e frustração, onde o indivíduo se vê incapaz de lidar com as demandas emocionais e sociais, agravando seu sentimento de desconexão e impotência. Dessa forma, a insuficiência das habilidades socioemocionais é um fator preponderante no aumento do risco de comportamentos violentos e extremos, como os massacres escolares.

A terceira questão, "se essas habilidades são suficientes, teria a maior parte das ocorrências brasileiras como desfecho o suicídio?", sugere uma análise direta entre a competência socioemocional e o resultado trágico desses eventos. A alta taxa de suicídios após massacres escolares no Brasil, de 23,7%, conforme ilustra o gráfico 2, reforça a hipótese de que as habilidades socioemocionais desses indivíduos estão longe de ser suficientes.

O suicídio após um ato violento como um massacre pode ser interpretado como uma última tentativa de escapar das consequências emocionais e sociais de suas ações. Indivíduos com dificuldades em habilidades como regulação emocional e enfrentamento de conflitos podem ver o suicídio como a única "solução" viável para a dor psicológica que sentem após

causar uma tragédia. Assim, o desfecho suicida sugere não apenas a ausência de uma estratégia eficaz para lidar com as consequências de seus atos, mas também uma falha sistêmica no desenvolvimento de habilidades socioemocionais que poderiam, em outro contexto, ter prevenido o ato em si.

Em resumo, os dados apresentados demonstram uma forte relação entre o isolamento social, a carência de habilidades socioemocionais e a ocorrência de massacres escolares. A ausência de ferramentas para lidar com frustrações e emoções intensas parece ter sido um fator determinante para o trágico desfecho desses eventos.

Noutras palavras, a decisão de tirar a própria vida, além de ser uma perda irreparável, sinaliza a incapacidade de enfrentar e lidar com as consequências de seus atos. A prevenção de tais tragédias passa, inegavelmente, pelo desenvolvimento de habilidades socioemocionais desde a infância, equipando os jovens com recursos para construir relações saudáveis e lidar com os desafios da vida de forma mais eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das habilidades socioemocionais como fator de risco para massacres escolares revela a complexidade das dinâmicas interpessoais e emocionais que permeiam esses fenômenos. As evidências discutidas apontam que déficits nessas habilidades podem intensificar o isolamento social e a incapacidade de lidar com emoções complexas, contribuindo para a escalada de frustrações e comportamentos violentos. Além disso, a identificação de padrões recorrentes em reportagens sugere que a fragilidade emocional pode ser um preditor significativo de tais ocorrências.

Portanto, o vínculo entre massacres escolares e suicídio pode ser entendido à luz da carência de habilidades socioemocionais adequadas. O desenvolvimento dessas habilidades, especialmente em contextos escolares, pode ser uma forma de prevenir tanto a violência extrema quanto as tragédias que muitas vezes a seguem, ao oferecer aos jovens ferramentas para gerenciar suas emoções, lidar com os desafios sociais e encontrar formas construtivas de se relacionar com os outros e consigo mesmos.

Diante disso, a promoção do desenvolvimento de habilidades socioemocionais nas escolas torna-se uma prioridade. Intervenções que fomentem a empatia, a regulação emocional e a resolução de conflitos podem ajudar a criar ambientes mais saudáveis, prevenindo não

apenas a violência extrema, mas também a dor e o sofrimento que frequentemente a acompanham.

Em suma, investir nas habilidades socioemocionais do público infantojuvenil é um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais segura e solidária, na qual jovens possam expressar suas emoções de maneira construtiva e desenvolver relacionamentos interpessoais saudáveis.

REFERÊNCIAS

ANDRADE CR, et al. Experiências adversas na infância, características sociodemográficas e sintomas de depressão em adolescentes de um município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad Saúde Pública** 2022; 38:e00269921.

BIANCHINI LV, et al. **Impacto na saúde mental de crianças e adolescentes pós pandemia**. Seven Editora, [S.l.], 2023. Disponível em: <http://sevenpublicacoes.com.br/index.php/editora/article/view/2295>.

BRASIL, Senado Federal. Constituição da república federativa do Brasil. Brasília: **Senado Federal**, Centro Gráfico, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

BRASIL, Ministério da Educação. **Ataques às escolas no Brasil**: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>. 640

CARA D, et al. Relatório. O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. **Campanha Nacional pelo Direito à Educação**, 2022. Disponível em: https://media.campanha.org.br/acervo/documentos/Relatorio_ExtremismoDeDireitaAtaquesEscolasAlternativasParaAcaoGovernamental_RelatorioTransicao_2022_12_11.pdf.

CURY A. **Inteligência Socioemocional**: Ferramentas para pais inspiradores e professores encantadores. Rio de Janeiro: Sextante, 2019

DA SILVA LM, et al. Sofrimento psíquico entre estudantes: a associação do tabagismo com a ideação suicida em acadêmicos de medicina da região centro-oeste brasileira. *Psychic suffering among students: the association of smoking with suicidal ideation in medicine academics in the Central-West brazilian*. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 6, p. 43341-43352, 2022.

DEL PRETTE A, DEL PRETTE ZAP. **Psicologia das relações interpessoais**: vivências para o trabalho em grupo. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2024a.

DEL PRETTE ZAP, DEL PRETTE A. **Psicologia das habilidades sociais: terapia, educação e trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2024b.

IPEA. **Atlas de violência**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/250/atlas-da-violencia-2023>.

JUNIOR EBL, et al. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 44, 2021.

JURAL LA, et al. “Epidemia” de violência nas escolas brasileiras e os efeitos na saúde dos sobreviventes: uma perspectiva a partir das experiências adversas na infância. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 40, n. 3, p. e00169723, 2024.

KORITAR NKC. **Massacres escolares: uma análise do que é exposto pela mídia**. Orientadora: Rita de Cássia do Amaral. In: CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2024, Marília. Anais do CONIC-Semesp, v. 12, 2024. Universidade de Marília: CONIC-SEMESP, 2024.

LANGEANI B. **Raio-X de 20 anos de Ataques a Escolas no Brasil: 2002-2023**. Instituto Sou da Paz, 2023. Disponível em: <https://soudapaz.org/wp-content/uploads/2023/05/Raio-x-ataque-a-escolas.pdf>.

NJAIN K, et al. **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

PENA AC et al. Habilidades socioemocionais na educação atual. **Boletim Técnico do Senac**, [S. l.], v. 46, n. 2, 2020. DOI: 10.26849/bts.v46i2.830. Disponível em: <https://senacbts.emnuvens.com.br/bts/article/view/830>. 641

SANCHEZ BORIS, IM. **Impacto psicológico de la COVID-19 en niños y adolescentes**. MEDISAN [online]. 2021, vol.25, n.1, pp. 123-141. ISSN 1029-3019.

SIMPSON O. Breaking the Mirror of the Spectacle: Mass Murder/Suicide as the Ecstasy of Simulated Experience. **Critical Sociology**, 2020, 46(7-8), 1109-1120. <https://doi.org/10.1177/0896920519878481>

VASCONCELOS SJL, et al. Assassinatos em Massa: uma perspectiva sobre as causas e a prevenção no contexto nacional. **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics**, v. 10, n. 3, p. 401-422, 2021.

VINHA T, et al. Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos. 1. ed. São Paulo: D3e, 2023. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/relatorio_2311_ataques-escolas-brasil.pdf.

WELTER LS, et al. Assassinatos em massa: uma pesquisa documental. **Psico**, [S. l.], v. 53, n. 1, p. e38921, 2022. DOI: 10.15448/1980-8623.2022.1.38921. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/38921>.